

INTERVENÇÕES EPISTÊMICAS SOBRE A BÁRBARIE E A RETÓRICA DO ÓDIO CONTRA PAULO FREIRE

EPISTEMIC INTERVENTIONS ON BARBARISM AND HATE RHETORIC AGAINST PAULO FREIRE

Maéve Melo dos Santos
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Cosme Batista dos Santos
Universidade do Estado da Bahia

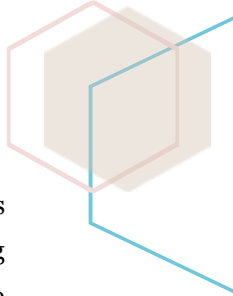
RESUMO

Trata-se de um estudo sobre a barbárie e a retórica do ódio contra Paulo Freire, buscando elementos que explicitem a discussão contemporânea das evidências científicas na alfabetização, que trazem no seu bojo um apagamento dos ideais freirianos e das concepções construtivistas da alfabetização. Objetiva apresentar os signos ideológicos dessa guerra cultural e suas reverberações, refletindo sobre o discurso das evidências científicas e a retomada da alfabetização fonêmica. Para tanto, faremos uso do método da etnografia textual (ROCHA, 2021) que envolve descrição densa e interpretação crítica das manifestações dos gestores do atual governo e recorrência à intertextualidade (BRANDÃO, 2004; KOCH e TRAVAGLIA, 2016; TIPHANE, 1968), ou seja, a relação entre os enunciados descritos para revelar os pressupostos e as possíveis repercussões da guerra cultural contra as ideias de Paulo Freire e contra a ciência da educação, particularmente, contra os fundamentos do construtivismo. As percepções iniciais sinalizam um retorno às práticas alfabetizadoras tendo como base teórica o método fonético, conduzido por institutos privados com base nas “evidências científicas”. Questiona-se: o que isso quer dizer? Os estudos anteriores no campo da alfabetização não teriam evidências científicas? Esta é a série que este estudo pretende desmontar e desvelar.

Palavras-Chave: Paulo Freire; Guerra cultural; Alfabetização; Evidências científicas; Retórica do ódio.

ABSTRACT

This paper deals with a study on barbarism and hate rhetoric against Paulo Freire, seeking elements that make explicit the contemporary discussion of scientific evidence in literacy, which brings in its



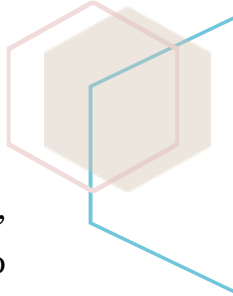
core an erasure of the Freirean ideals, as well as constructive conceptions related to Education. This study also aims to describe the ideological signs of this cultural war and its reverberations, reflecting on the discourse of scientific evidence and the resumption of phonemic literacy. To achieve this, we will make use of the Textual Ethnography Method (ROCHA, 2021), which involves dense description and critical interpretation of the manifestations of the current government managers and the recurrence of intertextuality (BRANDÃO, 2004. KOCH & TRAVAGLIA, 2016; TIPHANE, 1968), that is, the relationship between the described utterances to reveal the assumptions and repercussions of the culture war against Paulo Freire's ideas, as well as against the science of education, particularly, against the foundations of constructivism. The initial perceptions signal a return to literacy practices based on the phonetic method, conducted by private institutes based on "scientific evidence". The question stands for: What does this mean? Have previous studies in the field of literacy not produced scientific evidence? This is the series that this study intends to dismantle and unveil.

Keywords: Paulo Freire; Culture war; Literacy; Scientific evidence; Rhetoric of hate.

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo tempos distópicos. No Brasil, é possível afirmar que além das grandes mazelas causadas pela pandemia do vírus SARS-COV (COVID 19), o coronavírus - com suas doenças, variantes e mutações - que assolou os lares e espaços sociais com a penumbra da morte, vive-se uma outra chaga em decorrência de uma política nacional negacionista, que tem uma narrativa neoliberal, ultraconservadora e necropolítica, cheio de incongruências e incompetências de um (des)governo perverso, racista, sexista, homofóbico, xenofóbico, aporofóbico, repleto de rivalidades étnicas, religiosas e ultranacionalistas. Enquanto a maioria dos líderes mundiais mantinha uma postura de preocupação e ação na busca de soluções para a pandemia, no Brasil, o Presidente da República Jair Bolsonaro, zombava, criticava, perseguia a ciência, dizia que era uma "gripezinha", muito "mi, mi, mi" e afirma que não tomou a vacina¹. Não à toa, o país contabiliza quase 600

¹ "O presidente Jair Bolsonaro indicou nesta 5ª feira (16.set.2021) que não irá se vacinar contra a covid-19 para comparecer à Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas)", disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-para-ir-a-onu-para-que-eu-vou-tomar/>

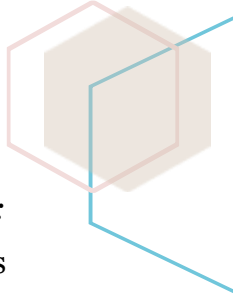


mil óbitos, até o presente momento. Apesar de tudo isso, muitos ainda o defendem, como se uma cegueira insana assolasse boa parte da população, sem explicação aparente.

Tempos distópicos manifestados pela guerra cultural e retórica do ódio contra a ciência, a educação, as universidades, os professores, as minorias, o meio ambiente, os movimentos sociais e democráticos, em favor da privatização, da mercantilização da educação, das ideias do neoliberalismo, do neofascismo e do patrimonialismo. Dentre tantos discursos odiosos, Paulo Freire tem sido o alvo escolhido, o adversário, o inimigo que representa a doutrinação marxista dentro das escolas e universidades, de tal forma, que houve uma tentativa de retirar o título de Patrono da Educação Brasileira que lhe foi outorgado pela Lei 12.612, de 13 de abril de 2012.

A proposta deste artigo é apresentar a guerra cultural contra Paulo Freire e suas reverberações, refletindo sobre o discurso das evidências científicas e a retomada da alfabetização, a partir do método fônico. Para tanto, assumimos o método da etnografia textual (ROCHA, 2021) que envolve descrição densa e interpretação crítica das recentes manifestações dos gestores do atual governo, recorrendo à intertextualidade, ou seja, a relação entre os enunciados descritos para revelar os pressupostos e as possíveis repercussões da guerra cultural contra as ideias de Paulo Freire e contra a ciência da educação, particularmente, contra os fundamentos do construtivismo. Para Maria Helena Brandão (BRANDÃO, 2004) e também para Ingedore Koch e Luiz Carlos Travaglia (KOCH e TRAVAGLIA, 2016) e Samoyault Tiphane (TIPHANE, 1968), a intertextualidade enquanto fenômeno da relação entre os enunciados ou textos pode ocorrer de forma explícita, quando o intertexto está mostrado no texto, por exemplo, sob a forma de uma citação direta, e de forma implícita, quando o intertexto não está mostrado no texto, porém está constituindo-o discursivamente. Em ambas as ocorrências, a intertextualidade ou o recurso analítico da relação entre os textos ou enunciados, permite ao analista recompor a rede de sentido e de pressupostos que dão suporte aos textos tanto no plano visual quanto no plano das relações discursivas.

Dividimos o texto em três seções, primeiro faremos uma breve caracterização do que significa guerra cultural, a luz da pesquisa etnográfica textual



de João Cezar de Castro Rocha do seu livro *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-política*. Em seguida, apresentaremos alguns signos ideológicos da guerra cultural bolsonarista contra Paulo Freire, a partir da análise do discurso nas manifestações recentes do Presidente da República, do ex-ministro da Educação e do Secretário de Alfabetização. Por fim, mas não menos relevante, discutiremos a mercantilização do ensino e as evidências científicas e suas reverberações no campo da alfabetização, na atual política nacional.

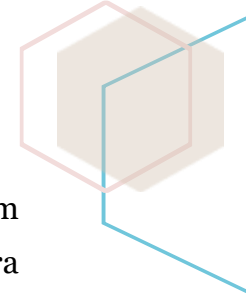
1. Guerra cultural bolsonarista: cenas de uma arquitetura da destruição

A inspiração para a produção desse artigo surgiu após a leitura do livro de João Cezar de Castro Rocha, intitulado *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-política*. A curiosidade partiu ao ver a capa² e ler o título, inquietava-nos o que o autor teria a nos dizer desse momento histórico do Brasil. A partir de uma etnografia textual³, uma metodologia que procura sair do campo da caricatura e ir à caracterização do fenômeno, Rocha (2021, p. 65) desvela a onda reacionária e militarista do bolsonarismo, elencando provas contundentes da existência de uma guerra cultural. Tudo o que pesquisou em livros, sites de internet, redes sociais, reportagens, plataformas digitais, entrevistas, conferências, filmes e várias outras fontes sobre os discursos e enunciações relacionados a Bolsonaro e seus seguidores e mentores, foram devidamente comprovados por meio de 565 notas ao longo do livro.

O tema da guerra cultural não é novo, acompanha a história. Em linhas gerais, implica o conflito de gerações, a dualidade entre o novo e o velho, a disputa

² A capa: A fotografia de Bolsonaro durante a campanha com uma criança no colo ensinando a usar as mãos em formato de arma.

³ Técnica utilizada pelo autor como forma de analisar e descrever os textos que serviram de base para sua pesquisa, sem interferências ou correções, numa tentativa de entender a lógica interna do pensamento bolsonarista sem julgamentos, ainda que muitas enunciações sejam difíceis de digerir, o autor procura manter a essência da técnica da etnografia textual, assim como faz o antropólogo quando estuda uma determinada comunidade.



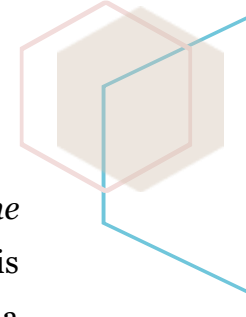
de valores da modernidade e da antiguidade, de um paradigma conservador e um paradigma contemporâneo, a concorrência entre a alta cultura e a baixa cultura (ROCHA, 2021, p. 122-125). Qualquer que seja o período histórico da humanidade, a juventude sempre ouvirá o ressoar das lembranças dos mais velhos que insistem em afirmar que “antigamente era melhor”, que “a educação e a cultura de outrora tinha mais valor, mais essência”. O poeta e músico Belchior, retratou bem essa dualidade numa de suas belas e reflexivas canções, escreveu: “Mas é você que ama o passado e que não vê/ É você que ama o passado e que não vê/ Que o novo sempre vem”⁴. Assim como ele, Ney Matogrosso quebrou paradigmas decantando Sangue Latino⁵, “Rompi tratados, traí os ritos/Quebrei a lança, lancei no espaço/Um grito, um desabafo”. A arte está para dar vida e luz a esse velho duelo.

Para Rocha esse seria um tipo de guerra cultural, ele apresenta ainda a que ocorre da disputa entre a alta cultura e a baixa cultura, provocada pelo surgimento dos novos meios de comunicação - o rádio, a televisão - que implica em “reproduzir na modesta residência das classes menos abastadas, as condições ideais de um teatro, uma casa de ópera, uma sala de concerto, o auditório de uma tradicional universidade” (ROCHA 2021, p. 118). Alguns “guardiões da tradição” seriam contrários à proposta de “ampliar o público das obras-primas da literatura” (ROCHA 2021, p. 118) por considerar que essa difusão implicaria na redução da qualidade das obras, “devido à ausência de rigor na forma mesma da transmissão” (ROCHA 2021, p. 119) e, portanto, deveria permanecer restrito ao círculo dos entendidos. Outros acreditavam que a ciência poderia reduzir esse hiato e possibilitar o diálogo das duas culturas, reduzindo a disparidade entre os ricos e pobres (ROCHA 2021, p. 119).

Também existe a guerra cultura que decorre da ascensão da direita e da extrema-direita, que segundo o autor, são “autênticas batalhas ideológicas pelo estabelecimento de modelos normativos (reacionários, até) de família, arte, educação, lei e política” (ROCHA, 2021, p. 111). Esse é o modelo que predomina na cena brasileira atual, fortemente, influenciada pela extrema direita norte-americana, inspirado nos escritos de James Davison Hunter no livro *Culture Wars: The*

⁴ Como nossos pais. Letra e música de Belchior.

⁵ Sangue latino. Letra de João Ricardo / Paulinho Mendonça, gravada pela Banda Secos e Molhados.

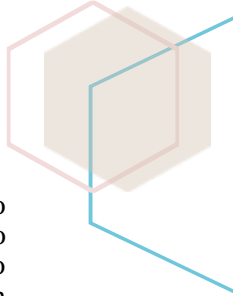


Struggle To Define America, em 1991, e de Allan Bloom, que em 1987 escreveu *The closing of the American mind*. Segundo Rocha, a junção das concepções desses dois autores deu origem à narrativa de que o ensino superior foi o responsável pela deterioração e relativização dos valores da família, religião, arte, educação, lei e política, uma vez que, ao invés de “colaborar decisivamente para a formação de futuros cidadãos, a universidade parecia determinada a trabalhar para sua deformação” (ROCHA, 2021, p. 112) em decorrência da hegemonia progressista na educação.

Essa narrativa não lhe parece familiar? Pois bem, chegamos à guerra cultural bolsonarista com seus ataques às universidades, concebidas como centros de doutrinação marxista e suas eternas conspirações de tomadas de poder pelos comunistas, incentivadas pelas “teorias filosóficas” do mentor-mor Olavo de Carvalho. Autor de *A nova era e a revolução cultural* (1994), *O jardim das aflições* (1995), *O imbecil coletivo* (1996), *O dever de insultar* (2016), *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (2013), dentre outros títulos, Olavo de Carvalho, autoproclamado filósofo, é professor, ensaísta e influenciador digital conservador que desempenhou um papel determinante nas últimas eleições presidenciais no Brasil e no *modus operandi* dos bolsonaristas, principalmente no discurso de ódio repleto de palavrões utilizado por ele nos seus livros, nas entrevistas concedidas e no seu curso de filosofia pela internet, que tem como premissa desqualificar o inimigo. Sobre essa retórica do ódio, Arthur Hussne, em seu artigo *Olavismo e bolsonarismo* descreveu:

O gosto pelo vocabulário chulo, pela humilhação pública dos adversários, pela desumanização dos oponentes, só mostra técnicas de efeito retórico para destilar inverdades que, mesmo que posteriormente desmentidas, têm potencial para enganar um número expressivo de pessoas (HUSSNE, 2020)

A guerra cultural bolsonarista tem como pano de fundo as ideias de Olavo que se considera “como um mestre que mostra uma forma de vida, educando a mente e a alma” (HUSSNE, 2020). Alegando a urgência de resgatar a “alta cultura”,

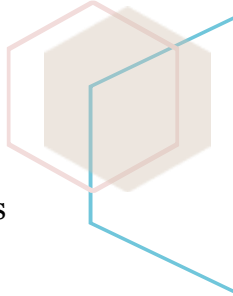


O mestre prova a seus alunos que no mundo moderno impera a degradação moral, o caos político e a miséria intelectual. (...) Os olavistas são convocados a serem agentes de regeneração, em um chamado que é misto de elitismo esotérico e disciplina revolucionária. Trata-se de instilar um sentimento de honra e grandeza em um empreendimento de guerra cultural, que é, no limite, uma guerra espiritual e santa. (HUSSNE, 2020)

Na distopia que estamos vivendo, faz-se necessário conhecer e entender o pensamento e o discurso olavista para que possamos compreender o momento que o Brasil está vivenciando. Rocha descreve, em linhas gerais, o que ele intitulou ser um *sistema de crenças Olavo de Carvalho* que influenciou a milhares de jovens, por meio das redes sociais e digitais. Para o autor, esse sistema implica na:

disseminação da *retórica do ódio* como forma de desqualificar o adversário; o palavrão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo eterno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura; a curiosa pretensão filosofante; a divertida veneração pelo estudo de um latim sem declinações e pelo desconhecimento metódico de um grego, grego de fato; a elaboração de labirínticas teorias conspiratórias de dominação planetária; a adesão iniciática a um conjunto de valores incoerente; a utilização metódica da *verve* bocagiana, aqui reduzida a três ou quatro palavrões e a dois verbos – bem entendido: *ir* e *tomar* (ROCHA, 2021, p.71-72).

Para Rocha, a guerra cultural bolsonarista apresenta características que divergem “do caráter transnacional da ascensão do populismo digital e autoritário” (2021, p.210) de outros países. A cena brasileira é permeada por uma idolatria insana a Olavo de Carvalho, movimentos reacionários de fechamento do Congresso e do STF, intervenção militar e retorno, inclusive, do AI-5, ato institucional que permitiu tantas atrocidades e barbáries oficializadas por um governo nacional e pela tentativa de aniquilar o adversário, considerado inimigo. É sobre a retórica do ódio e a tentativa de apagamento do pensamento freiriano que iremos avançar nesse momento. Para isso, retomamos a uma análise triangular de enunciados, recorrendo, tal como já antecipamos, à etnografia textual, conforme Rocha (2020), enriquecida pelas contribuições da análise discursiva, particularmente, das relações intertextuais enquanto técnica de investigação de pressupostos discursivos explícitos ou implícitos em cada enunciado manifestado nessa guerra cultural,



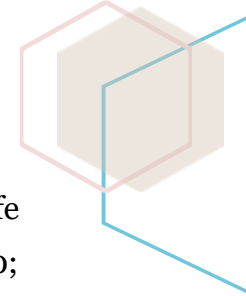
particularmente, no esforço da direita olavista e bolsonarista de apagamento dos discursos e das ideias de Paulo Freire.

2. Signos da guerra cultural e da retórica do ódio contra Paulo Freire: algumas enunciações

Paulo Freire completaria 100 anos se estivesse vivo e não seria difícil imaginar o quanto estaria indignado com a barbárie que assola o país, atualmente, e com a tentativa de desqualificar e desmoralizar seu nome e seu legado, pela segunda vez na história desse país. A mesma direita e extrema direita que o condenou e o fez passar por tantas repressões no Golpe de 64, ao ver a implantação das suas ideias pedagógicas, revolucionárias e humanizadoras na educação de jovens e adultos, calada e na surdina, depois de tantos anos, retoma o poder e volta a atacar, de forma inescrupulosa, esse grande educador e filósofo brasileiro, renomado e reconhecido internacionalmente.

Não seria necessário aqui descrever quem é este educador e poderia até ser considerado desimportante por ser tão evidente. Mas, em tempos que boa parte da juventude parece não ler as obras literárias e se baseia apenas nas notícias e fatos das redes sociais, permeadas de *fakenews*, trazer à tona um pouco do histórico e do legado de Paulo Freire, parece-nos imprescindível.

Paulo Freire nasceu em Recife, em 19 de setembro de 1921 e teve uma vida ativa no campo sociopolítico e educacional na cidade de Recife, no Estado de Pernambuco, no Brasil e no mundo. Graduado em Direito na Escola de Direito do Recife, em 1946, desistiu da advocacia após sua experiência como professor de português no Colégio Oswaldo Cruz, onde cursou todo o ensino secundário e construiu uma carreira sólida no campo da educação: foi nomeado para a diretoria do setor de Educação e Cultura do Sesi de Pernambuco (1947) e permaneceu nesta instituição por 10 anos; defendeu sua tese de cátedra, em 1959, intitulada “Educação e atualidade brasileira” na antiga Escola de Belas Artes de Pernambuco, documento que registra os primeiros estudos de Paulo Freire relacionados à alfabetização e



conscientização; lecionou filosofia da educação na Escola de Serviço Social do Recife e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife, em 1960; no mesmo ano, participou da construção do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife; assumiu a direção do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife, em 1962, onde realizou as primeiras experiências das suas ideias e concepções sobre alfabetização popular e de adultos, tornando esse método conhecido nacionalmente (BEISIEGEL, 2010, p. 13).

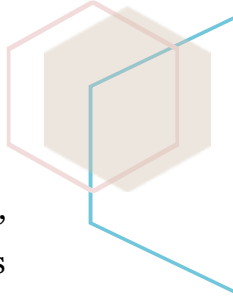
Por conta dessa experiência, foi convidado pelo governo do Estado do Rio Grande do Norte a aplicar seu método na cidade de Angicos que teve repercussão nacional e internacional pelos resultados exitosos, em tempo recorde. Em 1963, a convite do Ministro da Educação Paulo de Tarso, assumiu a Presidência da Comissão Nacional de Cultura Popular e em 1964 assumiu a coordenação do programa nacional de Alfabetização.

No entanto, suas ideias revolucionárias de alfabetização e conscientização entrou em choque nos anos seguintes com o período da ditadura militar, cujos apoiadores do Golpe de 64, o consideravam subversivo e inimigo da nação, dentre eles o tenente-coronel Ibiapina Lima, que chegou a afirmar:

“Sua atuação no campo da alfabetização de adultos nada mais é que uma extraordinária tarefa marxista de politização das mesmas”, escreveu. Para Ibiapina Lima, Freire não teria criado método algum e sua fama viria da propaganda feita pelos agentes do Partido Comunista da União Soviética. “É um cripto-comunista encapuçado sob a forma de alfabetizador” (Sergio Haddad, 2019)

Foi preso e após várias perseguições refugiou-se na embaixada da Bolívia e depois foi para o Chile onde permaneceu até 1969. No Chile, atuou em diversas frentes, lecionou na Universidade Católica de Santiago e foi consultor do escritório regional da Unesco, em Santiago. Depois foi para os Estados Unidos e lecionou em Harvard, até fevereiro de 1970. Seguiu para Genebra, onde atuou como consultor do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas (BEISIEGEL, 2010, p.15).

Poderíamos parar por aqui e já seria mais do que suficiente para demonstrar a contribuição de Paulo Freire na educação no Brasil e no mundo, afinal quantos



educadores brasileiros já deram aulas na famosa Universidade de Harvard? Mas, sigamos. No seu retorno ao Brasil, em junho de 1980, Freire deu continuidade a suas atividades, lecionando na PUC-SP, Unicamp; foi professor visitante da USP; Secretário de Educação do Município de São Paulo, entre 1989 e 1991; além da ampla produção de livros, artigos, palestras, conferências, cursos, entrevistas, entre outras atividades acadêmicas e intelectuais (BEISIEGEL, 2010, p.15).

Morreu no dia 2 de maio de 1997, deixando um legado de alcance internacional no campo da educação e da alfabetização de jovens e adultos. Sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968) é o único livro de autor brasileiro que está na lista das cem obras literárias mais solicitadas por docentes em universidades de língua inglesa, segundo pesquisa do projeto Open Syllabus⁶, além de ser o terceiro pensador mais citado, mundialmente, em trabalhos da área de humanas, de acordo com a pesquisa realizada pelo professor associado da *London School of Economics*, Elliott Green⁷. Paulo Freire é o brasileiro mais homenageado em todos os tempos, recebendo diversos títulos de *Doutor Honoris Causa* por universidades da Europa e da América, além de outras menções e prêmios. Reconhecido como um patrimônio mundial, recebeu o título de Patrono da Educação Brasileira, pela Lei 12.612, de 13 de abril de 2012.

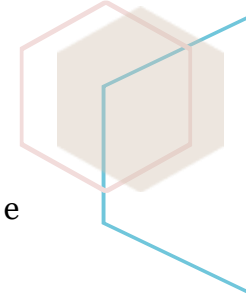
Não obstante todo seu reconhecimento nacional e internacional, o atual governo brasileiro, em manifestações públicas, tem atacado o nome de Paulo Freire da história da educação brasileira, inclusive, querendo retirar o título de patrono que lhe foi concedido⁸. Tanto que a Capes retirou seu nome da Plataforma criada em 2009, “Plataforma Freire” e passou a se chamar “Plataforma CAPES de Educação Básica”⁹, além disso, até o presente momento, existe um silenciamento do Ministério da Educação (MEC) em relação às comemorações do seu centenário. Ao contrário,

⁶ Os 100 livros mais pedidos em universidades de língua inglesa. Disponível em: <https://www2.ifsc.usp.br/portal-ifsc/os-100-livros-mais-pedidos-em-universidades-de-lingua-inglesa/> Acesso em: 21 set. 2021.

⁷ Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado em trabalhos pelo mundo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/04/Paulo-Freire-%C3%A9-o-terceiro-pensador-mais-citado-em-trabalhos-pelo-mundo>. Acesso em: 21 set. 2021.

⁸ <https://www.camara.leg.br/noticias/558470-projeto-revoga-lei-que-declarou-paulo-freire-patrono-da-educacao/>

⁹ <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/11/27/flavio-arns-lamenta-retirada-de-nome-de-paulo-freire-de-plataforma-da-capes>



os discursos e vozes que partem do governo relacionados ao educador, são de ódio e de desqualificação.

Partindo dessas enunciações, faremos uma análise de alguns desses discursos, a fim de desvelar a arquitetura da destruição que está ocorrendo na educação pública brasileira contemporânea em torno de Paulo Freire e da alfabetização. Para isso, fizemos uma busca na internet, através da plataforma Google e selecionamos alguns enunciados que destacavam o nome do educador. Causa indignação os discursos proferidos por representantes do governo contra o mestre. Começamos com um pronunciamento do Presidente da República:

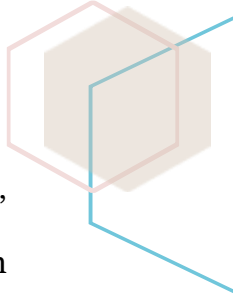
2.1. Presidente Jair Bolsonaro

Agora era uma programação totalmente de *esquerda*, *ideologia de gênero*, dinheiro público para a *ideologia de gênero*, então tem que mudar. Agora reflexo, vai daqui a 5, 10, 15 anos vai ter reflexo em cima disso aí, os cara estão lá a 30 anos massi... (*sic*) Tem muitos formados aqui em cima dessa filosofia do Paulo Freire da vida, esse *energúmeno* aí, ídolo da *esquerda*, olha a prova do Pisa, estamos em último lugar do mundo, se não me engano em Matemática, Ciências e Português né, acho que um ou dois itens somos o último da América do Sul, esperar o que desse Brasil com esse tipo de educação (grifos nossos).¹⁰

Esse pronunciamento ocorreu no dia 16 de dezembro de 2019, na saída do Palácio da Alvorada, ao ser interrogado sobre o encerramento do contrato com a associação responsável pela transmissão da TV Escola. Em apenas um parágrafo de discurso, destacamos alguns pontos que evidencia a guerra cultural bolsonarista: retórica do ódio com o uso de palavrões; a eterna conspiração da esquerda comunista; a utilização da ideologia de gênero de forma aleatória e a culpabilização e desvalorização da educação.

Na retórica do ódio, referendada por Olavo de Carvalho, preconiza a eliminação simbólica do outro, é uma espécie de “vale tudo” na desqualificação e

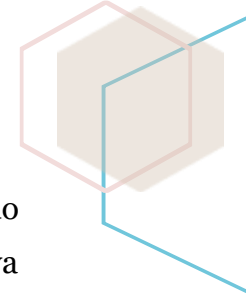
¹⁰ Essas afirmações contra Paulo Freire e a TV Escola foram gravadas na saída da residência oficial do Palácio da Alvorada, ao ser questionado sobre o tema enquanto conversava e fazia fotos com apoiadores, disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/16/bolsonaro-chama-paulo-freire-de-energumeno-e-diz-que-tv-escola-deseduca.ghtml>



imperava que o povo só entende se houver uma “linguagem da própria baixaria” (ROCHA, 2021, p. 56) através de insultos e palavrões. É difícil supor que, em algum lugar do mundo, o Presidente da Nação chamaria o homem mais respeitado nacional e internacional de “*energúmeno*”, talvez o próprio enunciador desconheça o real significado desta palavra. Com o autoritarismo do xingamento, suprime-se qualquer disposição para o diálogo racional.

A obsessão pela esquerda é o segundo aspecto que destacamos. Citada duas vezes no parágrafo, está presente não apenas neste enunciado, mas em centenas de outras declarações do Presidente, revelando um padrão olavista quanto a uma eterna “tomada de poder” pelos comunistas. A ordem imposta é destruir a hegemonia cultural da esquerda e criar a hegemonia da direita, de tal forma que, em entrevista ao *Estado de S. Paulo* concedida em 12 de dezembro de 2017, o deputado federal Jair Bolsonaro, na época pré-candidato à Presidência da República, já sinalizava suas intenções: “Mas vamos até o fim! Há algo maior que eleição em jogo: a derrubada cultural da esquerda no Brasil” (ROCHA, 2021, p. 107). Pois bem, ele está executando, integralmente, sua arquitetura de destruição que projetou, desmontando as instituições públicas e atacando veementemente o Congresso, o STF e a Constituição Federal, pois considera que todas as instituições estão “infectadas” de comunistas e a própria Constituição de 88 está enraizada dos ideários esquerdistas.

O terceiro aspecto desse discurso trata da ideologia de gênero. Bolsonaro não teria ganhado as eleições sem a adesão da ala conservadora e do apoio massivo de boa parte dos evangélicos e, sem dúvida, a estratégia de utilizar a narrativa de uma suposta ideologia de gênero implantada pela esquerda nas escolas, divulgando via *fakenews* o famoso “*kit gay*” e a “mamadeira de piroca” foi decisivo para sua vitória eleitoral. Isso posto, destacamos que, assim como a palavra “esquerda”, o Presidente citou duas vezes, no mesmo parágrafo, a expressão “ideologia de gênero”, afirmando que a programação da TV Escola era paga com dinheiro público para incitar a ideologia de gênero. Observa-se aqui, a quarta característica dessa guerra cultura e dessa retórica do ódio: a afirmação de informações sem provas, sem evidências, faladas de forma tão convincentes que parecem ser verdadeiras. Não há um



compromisso com a verdade, apenas em (de)informar, através de um emaranhado de afirmações clichês, repletas de falsas notícias que, levadas pelas redes sociais, leva milhares de seguidores a acreditar, sem nem ao menos, investigar ou questionar a veracidade da informação. As afirmações de que a TV Escola servia apenas para trabalhar a ideologia de gênero e a informação de que a culpa dos baixos indicadores da educação do Brasil é de Paulo Freire, apenas revela o desconhecimento do Presidente da problemática educacional do país e do real legado de Paulo Freire. Corroborando com Rocha, entendemos que

Em apenas 2 anos, o bolsonarismo tornou-se a mais eficiente e perversa máquina de destruição da história republicana, representando à democracia uma ameaça mais assustadora do que os excessos da própria ditadura militar (ROCHA, 2021, p. 273)

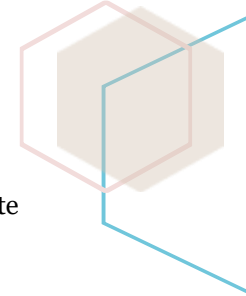
Sem propostas efetivas para a educação do país o governo vem cumprindo fielmente sua intenção de destruir as instituições e as políticas que julgam, unicamente, serem políticas esquerdistas. O desmonte tem, portanto, essa premissa.

2.2. Ex-Ministro da Educação Abraham Weintraub¹¹

O Deputado Eduardo Bolsonaro em seu canal de YouTube, no programa intitulado “O Brasil precisa saber” entrevistou o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub”, no dia 29 de fevereiro de 2020 e inicia a entrevista com o convidado falando que:

na minha opinião é um dos ministros que mais ajuda o governo, não só na pasta onde ele é o chefe, que é a pasta da educação, mas também ajudando nessa revolução cultural, nesse momento em que o Brasil está passando de quebrar a *hegemonia da esquerda* também *dentro das universidades*, da internet, enfim *naqueles lugares onde eles dominam e não permitem que*

¹¹ Entrevista concedida ao Deputado Eduardo Bolsonaro em seu canal de YouTube, no programa intitulado “O Brasil precisa saber”, realizado em 29 de fevereiro de 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FNiMIO5Xtj4>



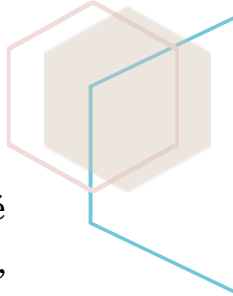
seja feito nenhum debate, que não permitem que seja um ambiente democrático (grifos nossos).

Durante toda a entrevista, há diversos trechos de discursos que caracterizam a guerra cultural e a retórica do ódio, a exemplo da introdução feita pelo Deputado Eduardo Bolsonaro, destacados acima, que reforça a obsessão pela hegemonia cultural da esquerda e o ataque às universidades públicas. Mas nos interessa aqui, o trecho pronunciado pelo então Ministro da Educação, ou seja, aquele que deveria conduzir a educação do país. Ao final da entrevista, ao receber de presente do deputado Eduardo Bolsonaro, o livro “*Desconstruindo Paulo Freire*” de Tomas Juliano, ele se assusta com a capa porque aparece, primeiramente, o nome Paulo Freire em letras garrafais e quase não dá para ler o subtítulo “*Desconstruindo Paulo Freire*” e diz “*Vai de retro*” e pega o livro de Olavo de Carvalho “*O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*”, elevando-o à frente em gesto que lembra o exorcismo. Depois da “brincadeira”, em tom sarcástico afirmou:

O Paulo Freire é *tão ruim, tão ruim, tão ruim* que ele é bom, é como a *Dilma* porque ele é *feio*, ele é *fraco*, *não tem resultado positivo* e o pessoal quer defender, então é bater em morto (grifos nossos).

A cena é chocante, causa aversão e raiva. No entanto, os seguidores do olavismo e bolsonarismo vão ao delírio e tecem comentários no link que, tão somente, revela a incivilidade que o Brasil está passando. Podemos afirmar, categoricamente, que uma das marcas do discurso bolsonarista é a grosseria repleta de deselegância, arrogância e palavrão. O ex-ministro de Educação praticamente chamou Paulo Freire de “demônio” e ainda fez comentários ofensivos que ameaçam sua dignidade. Podemos considerar também que seu comentário foi machista no comparativo com a ex-Presidenta ao mencionar que “é como a *Dilma* porque ele é *feio*, ele é *fraco*, *não tem resultado positivo*”. Qual o problema de ser feio? O que isso tem a ver com competência, legado? “É que Narciso acha feio o que não é espelho¹²”, já diria Caetano Veloso. Podemos afirmar que fazer a transcrição literal das falas e

¹² Sampa. Letra e música de Caetano Veloso.



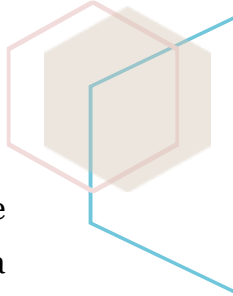
pronunciamentos desse nível, daqueles que governam a nação e a educação não é uma tarefa fácil, pois chega a causar ânsia. No entanto, enquanto pesquisadores, nosso papel, é desvelar essa barbárie.

2.3. Secretário de Alfabetização Carlos Nadalim

Carlos Nadalim, antes de ser o atual Secretário de Alfabetização, ficou conhecido por seus vídeos no Blog *Como educar seus filhos*. Formado em advocacia, sua experiência com a alfabetização, de acordo com Annunciato e Trigueiros, em artigo publicado na Revista Nova Escola (2019), vem da experiência de coordenador pedagógico durante oito anos da escola privada Mundo do Balão Mágico, fundada por sua mãe há mais de 30 anos em Londrina. Ainda segundo os autores, Nadalim foi aluno do Curso Online de Filosofia ministrado por Olavo de Carvalho e suas ideias “agradam aos entusiastas da Educação domiciliar, os combatentes dos pensamentos de Paulo Freire e os defensores do método fônico de alfabetização” (ANNUNCIATO; TRIGUEIROS, 2019).

Em linhas gerais, podemos afirmar que o método fônico de alfabetização privilegia o ensino dos fonemas com ênfase na análise auditiva de cada som/fonema, a fim de estabelecer as correspondências grafema-fonema. Parte do pressuposto de que em primeiro lugar está a mecânica da leitura, o que é chamado de *decodificação*, para em seguida dar início ao processo de compreensão do texto. Sustenta que “para que se tornem leitoras proficientes, as crianças devem aprender a decodificar as palavras de maneira rápida e sem esforço” (BRASÍLIA, 2019) e isso implica uma instrução fônica eficaz, com material de leitura decodificável. O método fônico supervaloriza a mecânica da leitura e não leva em consideração o contexto, estes são os motivos principais das críticas de Nadalim às perspectivas de alfabetização baseadas na epistemologia genética de Emília Ferreiro, na concepção de letramento de Magda Soares e no pensamento sociopolítico e cultural de Paulo Freire.

Foi possível confirmar essas críticas em um dos vídeos produzidos por Nadalim, intitulado “*Letramento, o VILÃO da Alfabetização no Brasil*”, gravado em



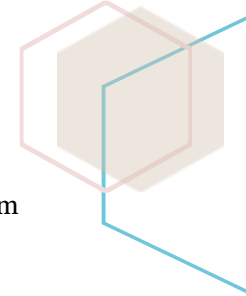
12 de maio de 2018, ainda antes de ser indicado ao cargo de Secretário de Alfabetização. Nele, Nadalim desqualifica o trabalho de Magda Soares e Emília Ferreiro, com diversas ironias (vale a pena assistir ao vídeo) e dentre seus argumentos, afirma que:

O letramento é em suma a aplicação do construtivismo ao ensino de leitura e escrita, ponto final. É uma reinvenção construtivista da alfabetização. (...). E você sabe o que essa abordagem sobrevaloriza? Essa abordagem *sobrevaloriza o papel das funções sociais da linguagem no processo de aprendizagem da leitura e escrita*, e é o que vemos nos documentos do Mec voltados para os professores alfabetizadores. Essa abordagem demonstra uma *preocupação exagerada com a construção de uma sociedade igualitária, democrática e pluralista, em formar leitores críticos, engajados e conscientes, em acabar com os preconceitos e discriminações de todo tipo*. Por outro lado, falta a esses documentos uma orientação clara com base em *evidências científicas* comprovadas e atualizadas de como alfabetizar as crianças, faltam por exemplo requisitos práticos e específicos para a formação inicial de professores alfabetizadores (grifos nossos).¹³

Chama a atenção três pontos desse enunciado. Primeiramente, a confusão e mistura dos conceitos de construtivismo e letramento. Nadalim parece desconhecer, ou se leu não entendeu, os fundamentos basilares da psicogênese da língua escrita. Emília Ferreiro (1985) nunca propôs um método de alfabetização, seu trabalho, fruto de pesquisa científica baseada nos estudos de Piaget, demonstra, cientificamente, como a criança aprende e vai construindo um conhecimento na interação com o outro, com o ambiente e com os suportes materiais que lhes são oferecidos. Segundo, a sua afirmação “uma preocupação exagerada com a construção de uma sociedade igualitária, democrática e pluralista” é reveladora do real propósito da sua concepção de alfabetização e educação. Terceiro, a sua discordância da concepção de alfabetizar letrando, proposta por Magda Soares (2003). No vídeo, ele afirma a seus internautas e seguidores:

Fuja dessa *ilusão*, isso simplesmente não existe, o simples convívio com texto escritos não permite as crianças construir hipóteses, *essa ideia é perigosíssima* e já foi amplamente refutado pelas *evidências científicas*. As

¹³ Transcrição da gravação do vídeo “Letramento, o VILÃO da Alfabetização no Brasil” gravado em 12 de maio de 2018 no Blog Como educar seus filhos, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9JEhWtRKg>



crianças, principalmente aqueles de meios mais desfavorecidos, precisam de um *ensino explícito da decodificação* (grifos nossos).

Quanto ao ensino das escolas privadas, ele afirma:

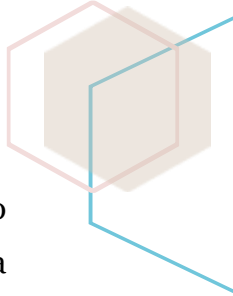
A maioria das escolas particulares tão pouco escapa a essa abordagem já que os professores que atuam na rede privada também se formaram tendo como base os PCNS, além de terem lido os mesmos autores, muito *Paulo Freire, Vigotsk, Magda Soares, Emília Ferreiro*, dentre outros. (grifos nossos).

Nadalim considera uma ilusão o trabalho de vivência com os textos escritos paralelo ao trabalho de alfabetização, na sua concepção primeiro tem de ensinar a técnica da decodificação para em seguida trabalhar com os textos. Afirma ainda que as escolas particulares erram ao ter como fundamentação teórica os antigos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) porque não concorda com os renomados pesquisadores, educadores, psicólogos *Paulo Freire, Vigotsk, Magda Soares, Emília Ferreiro*, dentre outros. Em seguida, fala de Paulo Freire:

Por falar em Paulo Freire e Magda Soares eu vou ler um trechinho de uma entrevista que foi concedida pela Dra. Magda Soares [apresenta um trecho da entrevista de Magda Soares referente à aproximação do trabalho dela com a obra dele]:

Quanto à alfabetização, sua contribuição foi que não se deve alfabetizar com “Eva viu a uva”, mas sim com palavras e textos da realidade da pessoa. O foco de Paulo Freire foi sobretudo a alfabetização de adultos. Meu foco é da alfabetização de crianças. Alfabetizando operário, é fundamental trabalhar com a palavra tijolo, por exemplo. Alfabetizando crianças, trabalho com a palavra boneca ou bola. Tudo isso para a pessoa aprender a língua escrita como instrumento de inserção social e cultural e da luta por seus direitos. A arma social de luta mais poderosa é o domínio da linguagem. *É através dela que as classes dominantes dominam. É essa visão que Paulo Freire tinha e eu tenho* (grifos nossos em virtude da ênfase dada por Nadalim ao ler esses destaques).

Logo após, Nadalim passa um pequeno trecho de Paulo Freire dando uma entrevista na qual cita “*Aquilo tudo me remeteu a Marx, foi a realidade deles que me remeteu a Marx*”. Neste ponto, Nadalim faz questão de frisar e dar ênfase, apenas nos trechos em que tanto Magda Soares como Paulo Freire argumentam o papel

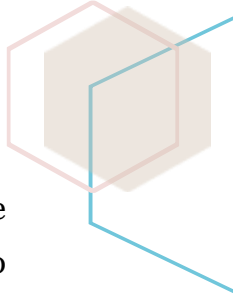


social da educação e sua indissociabilidade ação/reflexão/conscientização. Não tendo essa mesma concepção de educação, discorda do posicionamento de que a educação tem um papel transformador e humanizador que vai além das competências cognitivas e afirma, categoricamente, que o papel da educação é apenas ensinar a ler e a escrever, ensinar os conteúdos e ponto final, o que justifica sua aproximação com as discussões atuais do *homeschooling*, movimento que tem como pressuposto a “desescolarização”, livrando-se do controle do Estado e das suas escolas, incentivando o ensino em casa (FREITAS, 2018, p. 53) e com o movimento Escola sem Partido. Para Frigotto,

O Escola sem Partido expressa o epílogo de um processo que quer estatuir uma lei que define o que é ciência e conhecimentos válidos, e que os professores só podem seguir a cartilha das conclusões e interpretações da ciência oficial, uma ciência supostamente não neutra. Para isso, manipula até mesmo o sentido liberal de política, induzindo a ideia de que a escola no Brasil estaria comandada por um partido político e seus profissionais e os alunos seres idiotas manipulados. (FRIGOTTO, 2017, p. 29)

Concordando com Frigotto e com Rocha, percebemos, ao longo dos discursos apresentados, uma *idiotia erudita* que retrata um excesso de informações soltas, aleatórias, delirantes, de forma que todo enunciado leva sempre ao mesmo ponto: a esquerda, o comunismo, a hegemonia cultural da esquerda (ROCHA, 2021). As críticas relacionadas à perspectiva de alfabetização anunciada por Paulo Freire, Emília Ferreiro, Magda Soares e outros educadores deve-se ao fato de oportunizar aos homens, mulheres, crianças, jovens e adultos conhecerem a si e ao mundo, além de conhecerem as letras, sílabas, palavras, frases e textos, o que significa, nessa guerra cultural bolsonarista, a impregnação da hegemonia cultural da esquerda.

Após as eleições, Nadalim é nomeado Secretário de Alfabetização e assume a missão de colocar em prática a arquitetura da destruição de todo um trabalho produzido ao longo de vários anos no Brasil por educadores e pesquisadores no campo da alfabetização e letramento, implantando suas ideias anunciadas no blog através da nova Política Nacional de Alfabetização, que tem como eixo principal o método fônico.



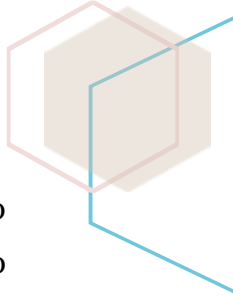
Em entrevista com o Deputado Eduardo Bolsonaro em seu canal de YouTube, no programa intitulado *O Brasil precisa saber*, realizado em 15 de agosto de 2020, o deputado questiona a Nadalim: “O que é que mudou na alfabetização daquilo que era feito anteriormente para agora, aquele ponto que você fala esse ponto é chave para a gente mudar a alfabetização no Brasil?”

Primeiro ponto o governo Bolsonaro atribui a alfabetização o status de secretaria, criando uma Secretaria de Alfabetização, em seguida lança uma Política Nacional de Alfabetização baseado em *evidências científicas*, não estamos ali Eduardo defendendo “pautas conservadoras” sobre a alfabetização, até porque essas *evidências* são utilizadas por alas da esquerda em outros países. Então nosso critério leva em consideração aquilo que funciona, não queremos *achismos*, mas tratamos a alfabetização sempre levando em consideração as *evidências científicas*. [...]

Segunda ação de implementação da política, então tudo isso é novidade no Mec, o lançamento do Caderno da Política Nacional de Alfabetização e o anúncio da CONAB - *I Congresso de Alfabetização Baseado em Evidências* que contou com a participação do ex-ministro de Portugal, Nuno Crato, que teve uma gestão brilhante em Portugal... O Nuno Crato criou uma expressão belíssima, “os romantismos pedagógicos”, devemos evitar os romantismos pedagógicos, a Secretaria de Alfabetização evita os romantismos pedagógicos levando em consideração as *evidências científicas*. [...] Nós estamos no período de isolamento social e o *debate científico* está a flor da pele, não é verdade, tem pesquisa para cá, para lá, e por que que em *matéria de educação as evidências científicas* não podem guiar as políticas públicas?¹⁴ (grifos nossos)

A expressão *evidências científicas* é repetidamente mencionada neste pequeno trecho e ao longo de toda a entrevista. Em tempos de negacionismo da ciência, obscurantismo intelectual, negação das vacinas, negligência no combate a pandemia, terraplanismo, ataques às universidades, corte de verbas para a educação e pesquisa científica, causa-nos até estranheza essa ambivalência declarada pelo atual Secretário de Alfabetização, no campo educacional, mais especificamente da alfabetização: “[...] *por que que em matéria de educação as evidências científicas não podem guiar as políticas públicas?*”. Se por um lado, em plena pandemia, eles negam a ciência, por outro ela é o carro chefe da reforma educacional no campo da alfabetização.

¹⁴ Fonte: Entrevista concedida ao Deputado Eduardo Bolsonaro em seu canal de YouTube, no programa intitulado “O Brasil precisa saber”, realizado em 15 de agosto de 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5GsZhcdZ0Q>

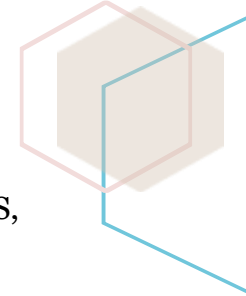


Atualmente, utiliza-se constantemente o termo evidências científicas para o retorno do método fônico na alfabetização, tecendo duras críticas ao método freiriano, bem como a concepção construtivista de aquisição da língua escrita e ao letramento. Vários institutos e fundações privadas se apoderaram desses estudos das evidências científicas na alfabetização e estão adentrando nas redes públicas apresentando propostas, políticas e programas de alfabetização que tem como pano de fundo o retorno do método fonético. Questionamos: o que isso quer dizer? Por um acaso os estudos de Paulo Freire, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Kleiman, Magda Soares, e tantos outros pesquisadores no campo da alfabetização não teriam evidências científicas? O que se deve essa retomada da alfabetização, a partir desse método fônico? O que preconizam? O que isso significa na contemporaneidade? Em que momento, isso começou?

3. Mercantilização do ensino e as evidências científicas na alfabetização: desvelando signos

Para Freitas, em seu livro *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias* (2018), a chamada “evidências científicas” corresponde a uma das estratégias da reforma empresarial da educação que tem sua origem no nascimento de uma nova direita, na década de 1970, numa junção do *neoliberalismo* com *autoritarismo social*. Como afirma Freitas, “uma verdadeira paranoia ideológica que enxerga “esquerdismo” e “comunismo” em tudo que cheire à defesa dos interesses populares pelo Estado, flertando com o fascismo e com o “darwinismo social” (FREITAS, 2018, p. 28).

Juntamente com as entidades filantrópicas e empresas de grande porte, que impulsionadas pelos incentivos fiscais, tem criados institutos e fundações no campo educacional, a *política de evidências científicas* tem ganhado corpo influenciando diretamente as secretarias estaduais, municipais e o Ministério da Educação. Essas organizações têm se utilizado de relatórios de pesquisas e os chamados *casos de sucesso* “como arma de convencimento, como se fosse possível reunir um conjunto



de estudos definitivos a favor ou contra determinada prática educativa” (FREITAS, 2018, p. 60). No entanto, para o autor,

Por ela [referindo a política com evidência], relatórios que sintetizam as vantagens de se aplicar a reforma empresarial são elaborados por *think tanks* e fundações, sendo divulgados e exaltados como verdades. Caberá às universidades e centros de pesquisa submeter constantemente tais relatórios a análise de seus pressupostos científicos e metodológicos para validá-los ou não. (FREITAS, 2018, p. 133)

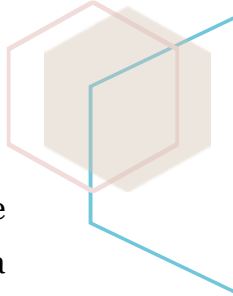
Freitas faz um convite a nós pesquisadores para investigar essas supostas evidências científicas que tanto tem influenciado a educação pública no Brasil, e no cenário atual, é o carro-chefe da nova Política Nacional de Alfabetização. Essa preponderância tem acontecido de tal maneira que em 2019, a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, recebeu a 3ª edição¹⁵ do Relatório referente ao *Seminário Educação Infantil: novos caminhos*, realizado por um grupo de trabalho coordenado por João Batista Araujo e Oliveira. O referido relatório tem como premissa básica, demonstrar que nos países estudados, França, Inglaterra, estados Unidos e Portugal, as evidências científicas apontam que o melhor método para assegurar a efetiva alfabetização das crianças é o fônico. Segundo o relatório,

o país vem ignorando os progressos e as práticas mais adequadas para alfabetizar alunos, atendo-se a concepções equivocadas e manifestamente ineficazes sobre o que é e como se deve alfabetizar as crianças. (BRASÍLIA, 2019, p.15)

Afirma ainda que

Diferentes visões existem a respeito de como lidar com essas questões. O problema é que uma postura eminentemente política ou ideológica levou, em diversos países, e continua levando, no Brasil, a uma rejeição de evidências objetivas e científicas sobre como as crianças aprendem a ler. (BRASÍLIA, 2019, p.24)

¹⁵ A elaboração da 1ª edição do relatório foi em 2003



Percebe-se, claramente, que todo o discurso do atual Secretário de Alfabetização está embasado neste relatório. Inclusive, na entrevista citada anteriormente, fez questão de dizer que recebeu o relatório pessoalmente das mãos do Deputado que preside a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, e pela primeira vez, no Brasil, o referido relatório será colocado em prática.

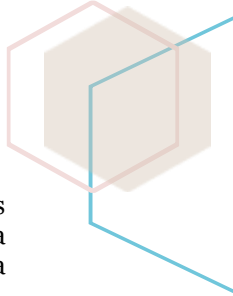
O relatório apresenta um estado da arte sobre a alfabetização, no entanto não apresenta os pesquisadores e pesquisadoras brasileiras que há décadas estudam *cientificamente* a problemática da alfabetização, criticando e afirmando que são práticas ineficazes e que se ocupam, prioritariamente, com os usos sociais da escrita. Ressalta que as universidades brasileiras parecem não concordar ou desconhecer os estudos apontados no relatório, sobre os “avanços da Ciência Cognitiva da Leitura e das práticas de alfabetização desenvolvidas em países sintonizados com esses avanços”, (BRASÍLIA, 2019, p. 22) dentre eles, o estudo da consciência fonológica, consciência fonêmica, conhecimento do princípio alfabético, decodificação, fluência, vocabulário, dentre outras competências e habilidades. Todavia, não destaca nenhum dos estudos sobre essa temática de Arthur Gomes de Moraes, Magda Soares, Telma Ferraz Leal, Maria do Rosário Mortatti, Isabel Frades e tantos outros educadores e educadores brasileiros.

Outro ponto que merece destaque do relatório é a supervalorização dos chamados “materiais estruturados”. Destacamos, abaixo, alguns trechos que mencionam esses materiais:

Tanto o ensino da decodificação quanto o desenvolvimento da fluência requerem materiais de leitura adequados do ponto de vista semântico, sintático e fonológico, bem como o emprego de técnicas adequadas para o seu ensino (BRASÍLIA, 2019, p. 48)

A decodificação é melhor desenvolvida com o uso de material de leitura decodificável. Os livros para ensino da decodificação (tipicamente, cartilhas, como denominadas no Brasil) devem incluir textos adequados para que o aluno seja capaz de decodificar usando os conhecimentos fônicos adquiridos até o momento (BRASÍLIA, 2019, p.53)

Robert Slavin, que concebeu o programa Sucess for All, é um dos mais ardorosos defensores do ensino estruturado (STRINGFIELD, 1995). Slavin sugere que, ao invés de cada escola inventar a roda, programas estruturados permitem às escolas e professores focalizar suas energias para aprender como utilizar e implementar inteligentemente programas bem elaborados.

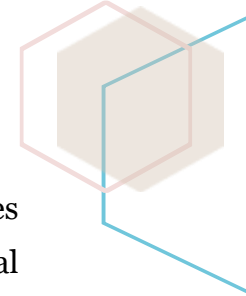


A chave do sucesso, segundo ele, reside em oferecer aos professores programas baseados em práticas comprovadamente eficazes e dar a eles a informação e as habilidades necessárias para que os implementem de forma adequada (BRASÍLIA, 2019, p.87)

Interessante observar que o coordenador desse relatório, João Batista Oliveira, é também o fundador e presidente do Instituto Alfa e Beto, autor do *Manual de consciência fonêmica* (2010), *Reforma da educação: por onde começar* (2006), *Abc do alfabetizador* (2008), dentre outros livros, responsável, hoje, pela gestão e formação de centenas de professores alfabetizadores, em diversas secretarias de educação, municipal e estadual, em vários estados do país, vendendo e divulgando amplamente o material de ensino de alfabetização estruturado, baseado no método fônico, escrito e produzido por ele. Freitas retrata bem toda essa panaceia geral:

Como é típico da reforma empresarial, essas ações, aparentemente sem relação, se articulam em uma engenharia de “alinhamento” (bases/ensino/avaliação/responsabilização), eliminando a diversidade e deixando pouco espaço para a escola ou para o magistério criar, sendo sufocado por assessorias, testes, plataformas de ensino *online* e manuais igualmente desenvolvidos e padronizados a partir das bases nacionais comuns. Tais processos constituem-se uma violência que impõe a manifestações culturais diferenciadas um mesmo padrão oficial, marginalizando e deslegitimando, por exemplo, os povos do campo. (FREITAS, 2018, p. 81)

Neste cenário de guerra cultural e retórica de ódio, esse movimento de reforma empresarial da educação encontra o campo ideal para execução e imposição de uma política de educação neoliberal, “centrada na ‘empresa’ como modelo social como também vê nele uma oportunidade de investimento que faz girar a roda do lucro desde pequenos negócios até grandes corporações” (FREITAS, 2018, p. 44). A entrada dessas fundações e institutos na participação em licitações públicas das secretarias de educação estão cada vez mais presentes na venda de material estruturado com formação de professor agregado e de plataforma digitais de ensino, na terceirização das escolas públicas via sistemas de *vouchers*, no fortalecimento das instituições filantrópicas para assumir a gestão da educação infantil, dentre outras características da reforma empresarial da educação.



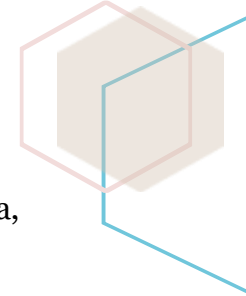
Finalizaremos esse tópico afirmando que enquanto pesquisadores subalternizados e subalternizadas, “é preciso elaborar uma ética para cima da moral e para cima do que a produção científica nos pede” (MESSEDER, 2020)¹⁶. Por que o estado da arte sobre a alfabetização do *Relatório do Seminário Educação Infantil* apresenta, em sua maioria, apenas pesquisadores da Europa e do Norte? Com raríssimas exceções, apenas sete autores brasileiros foram citados, dentre os 257 títulos. O estado da arte do referido relatório não considera os saberes locais produzidos? A questão da geopolítica do conhecimento tem a ver com a valorização dos saberes locais, não apenas dos saberes eurocêntricos ou os saberes do norte, historicamente os saberes valorizados e prestigiados, fora desse campo é considerado um saber menor. Esse seria um ato de insurgência.

ENTRE O INÍCIO E O FIM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esse texto teve como objetivo apresentar alguns signos ideológicos da guerra cultural bolsonarista contra Paulo Freire a partir da etnografia textual e da intertextualidade para uma análise e interpretação crítica das recentes manifestações do Presidente da República, do ex-ministro da Educação e do Secretário de Alfabetização, refletindo mercantilização do ensino e as evidências científicas e suas reverberações no campo da alfabetização na atual política nacional.

Paulo Freire ensinou ao mundo que educar é ação e reflexão, é práxis, é um compromisso educacional, social e político com aqueles e aquelas que são subalternizados, que estão à margem da sociedade, os invisíveis que precisam, além de conhecer, além de aprender a ler, aprender a ler o seu mundo. Alfabetização e conscientização caminham juntos, não são momentos estanques, esse é o grande legado. Ensinou aos homens e mulheres que são construtores da sua própria história,

¹⁶ MESSEDER, Suely Aldir (2020). Registro oral da palestra proferida virtualmente no “Seminários de Pesquisa em Crítica Cultural VII: Teorias e Métodos”, Alagoinhas-BA, 27 ago. 2020, disponível em: https://drive.google.com/file/d/1gadSrs32Mi4ZHJ-U7xJ_mMqBxORiJ5rn/view?usp=sharing



que podem mudar o seu mundo, a sua vida e que somos produtores da nossa cultura, superando assim o fatalismo do destino.

A guerra cultural bolsonarista permeada por discursos de ódio, recheados de palavrões, insultos, pela barbárie institucionalizada e pela eliminação do outro considerado inimigo, tem atacado veementemente a imagem desse grande e renomado educador. No ano que faria 100 anos, o MEC não lhe prestou nenhuma homenagem, retirou o seu nome da “Plataforma Freire” da Capes e ainda intenta retirar-lhe o título de Patrono da Educação Brasileira.

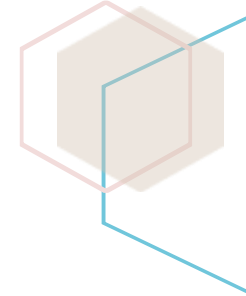
Os enunciados apresentados intertextualizam a relação entre a guerra cultural bolsonarista, o movimento de retomada da direita e extrema direita ultraconservadora, o neoliberalismo e a reforma empresarial da educação. Percebe-se um crescente movimento de retorno às práticas alfabetizadoras tendo como base teórica o método fônico, conduzido por diversos institutos e fundações privadas que utilizam o discurso das evidências científicas para o retorno do referido método.

Como diria Caetano Veloso e Gilberto Gil na letra da canção “Divino Maravilhoso”¹⁷ de 1968, “É preciso estar atento e forte/ Não temos tempo de temer a morte”. Mais do que nunca, precisamos estar atentos e fortes contra as novas ditaduras, contra a queda da democracia que está se esvaindo dentro do capital e do neoliberalismo, contra as diversas formas de racismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, ultranacionalismo, xenofobias, homofobias, contra a tentativa de apagamento do pensamento freiriano e contra as formas de silenciamento das escolas e dos professores impostas pela reforma empresarial da educação e pela guerra cultural bolsonarista.

REFERÊNCIAS

ANNUNCIATO, Pedro; TRIGUEIROS, Marian. Quem é e o que pensa Carlos Nadalim, o novo secretário de Alfabetização do MEC? **Nova Escola**. Ed. 320, 01 de março de 2019, disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16065/quem-e-e-o-que-pensa-carlos->

¹⁷ Divino Maravilhoso. Letra e música de Caetano Veloso e Gilberto Gil



[nadalim-o-novo-secretario-de-alfabetizacao-do-mec](#) Acesso em: 18 de ago. 2021.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASÍLIA, CÂMARA DOS DEPUTADOS. Educação infantil: novos caminhos. **Relatório do Seminário realizado pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados**, 3ª. edição (revista). Brasília, DF: Instituto Alfa e Beto, 2019.

FERREIRO, Emilia, TEBEROSKY, Ana, (1985). Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **A gênese das teses do Escola sem Partido**: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

HADDAD, Sérgio. Por que o Brasil de Olavo e Bolsonaro vê em Paulo Freire um inimigo. **Folha de S. Paulo**. 14.abr.2019 às 2h00, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/04/por-que-o-brasil-de-olavo-e-bolsonaro-ve-em-paulo-freire-um-inimigo.shtml>> Acesso em: 17 de set. 2021.

HUSSNE, Arthur. Olavismo e bolsonarismo. **Revista Rosa**. v.1. n.1. 03 de março de 2020, disponível em: <<https://revistarosa.com/1/olavismo-e-bolsonarismo>> Acesso em: 17 de set. 2021.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luis Carlos. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 2016. 12 ed.

SAMOYAUULT, Tiphaine. A intertextualidade. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008 (Tradução Sandra Nitrini).

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª. Reunião da ANPED, de 5 a 8 de out. de 2003.

Sobre os autores:

Maéve Melo dos Santos: Currículo resumido: Licenciada em Pedagogia. Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Professora Assistente da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). E-mail maeve.melo@univasf.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1867-812X>

Cosme Batista dos Santos: Licenciado em Letras, Mestre e Doutor em Linguística Aplicada. Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) E-mail: cbsantos@uneb.br ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9276-5398>

Tramitação:

Recebido em: 30/09/2021

Aprovado em: 03/11/2021